

Jornal de Melgaço

ORGAO DOS INTERESSES LOCAES

ASSIGNATURAS

Anno	18000 réis
Semestre	8000
África (anno)	25000
Brasil	35000

PROPRIETARIO

Quarte A. de Magalhães

ANNUNCIOS

Por cada linha	30 réis
Outras publicações contrato especial	
Numero avulso	40

O ADAMASTOR

«Todos os navios estrangeiros surtos no Tejo embandeiraram, e a «corveta» de guerra americana, ao passar o ADAMASTOR, arriou tres vezes a sua bandeira. De alguns vapores coltavam vivas á America.»

Bemvindo!
Eli-o omfim, nas aguas portuguezas, o bello cruzador adquirido coin o producto da subscrição nacional.

Vae para quatro seculos que um poeta de genio, um artista sublime, esculpiu nos rochedos do Cabo Tormentoso a figura gigantesca do Adamastor.

Então o colosso era uma especie de marco de maldição, um pregoeiro da desgraça, rugindo atravez dos seus dentes amarellos a vingança contra os intrepidos navegadores, que ousaram descobrir e ultrapassar os seus vedados terminos.

Se o velho do Restello trazia os lamentos de um povo que via partir seus filhos no mysterioso rumo dos mundos desconhecidos, a figura do Adamastor era o eco d'essa mesma queixa, mas aggravado, pelo despeito, pelo rancor, por todos os sentimentos cruéis de um semi-dens vingativo, ferido no seu orgulho, ferido no seu amor proprio, ferido no seu coração villipendiado.

Hoje, não; hoje a figura do Adamastor já não é um symbolo agourento, um prognóstico de fatalidade. Hoje para nós o teu nome, Adamastor, é a synthese do nosso agravo, é a repercução do nosso desespero patriótico.

Não, tu não serás mais o propheta das nossas desventuras, o muezim do nosso naufragio nacional, a voz apocalypica lançando, com o ribombo do trovão, o fulgor da tua ira sobre a nau esmigalhada de Sepulveda.

Pelo contrario, tu serás hoje o porta-estandarte das nossas revindicações historicas: o teu nome será a inscrição babilonica, que os nossos adversarios lerão com espanto quando se aproxime o instante decisivo da lucta.

E quando a fortuna nos volte mais uma vez as costas, quando a fatalidade nos esmague no seu anel de ferro, quando as nossas aspirações patrioticas se dissipem ao vento da adversidade, que o teu nome, Adamastor, seja o nosso glorioso epitaphio!

Porisso te saudamos e te dizemos—bemvindo!

A SUBSCRIÇÃO NACIONAL E A HISTORIA PREGRESSA DO «ADAMASTOR»

Quer-nos parecer que não desagrada ao leitor dar algumas informações sobre a origem e historia pregressa da Commissão da subscrição nacional, a cuja propaganda activa e eminentemen-

te patriótica se deve a construcção do Adamastor, e ainda a de outros barcos da nossa marinha de guerra.

Dissemos historia pregressa e o termo, tão corrente em medicina, vem aqui admiravelmente empregado, sabendo-se que foi um medico, o dr. Eduardo d'Abreu, um dos que mais empenhadamente trabalharam para que a empresa se levasse a bom caminho.

O ultimatum de 11 de janeiro foi a causa primitiva d'este movimento nacional. E por um lado nos é dolorosissimo avivar semelhante facto, por outro lado é certo desvanecimento recordar como o sentimento patriótico vibrou entusiastico em todos os corações.

Desejando, como é nosso dever, prestar justiça a todos, diremos que a prioridade da compra d'um navio de guerra cabe á classe de estudantes de marinha que no dia 15 de janeiro fazia no Diario de Noticias um apello n'este sentido, indicando o nome de Viriato, para o navio que houvesse de adquirir-se.

Tros dias depois, a 18, um nucleo de jornalistas e homens de letras tomava a iniciativa d'uma subscrição nacional. Este grupo compunha-se dos srs. Fialho d'Almeida, João Marques da Costa, Serra Prado, Luiz Osorio, Fernando Caldeira, Levy Marques da Costa, Vasconcellos, Abreu, Eduardo d'Abreu, D. João da Camara e Lorjô Tavares. Pode-se dizer que foi elle a cellula geradora da grande subscrição nacional.

OFFERTA DA CAMARA MUNICIPAL

Foi na sessão de 5 de fevereiro que Fernando Palha declarou em nome da camara municipal que esta concorreria com 100 contos para a subscrição nacional.

Depois d'esta verba as mais importantes foram as da familia real, que contribuiu por esta forma:

- El-rei D. Carlos—40 contos.
- Rainha D. Amelia—20 contos.
- Rainha D. Maria Pia—20 contos.
- D. Afonso—5 contos.

O APPELLO AO PAIZ

Foi redigido pelo sr. Antonio Ennes, tendo sido approved em sessão de 19 de fevereiro.

INICIAÇÃO DOS TRABALHOS

Foi no dia 23 do mesmo mez que a commissão da subscrição nacional inaugurou os seus trabalhos no theatro de D. Maria. A fachada que deita para o largo de Camões foi adornada com um grande mappa d'África pintado por Manini.

Felizmente que depois d'isso o clarão de algumas victorias tem illuminado gloriosamente esse mappa.

NOTAS CURIOSAS

O illustre arcebispo de Mytilene, querendo associar-se aos vo-

tos unanimes da nação pela feliz chegada do Adamastor, ordenou no dia 7 que os sinos de todas as egrejas do patriarchado, nas duas margens do Tejo execulassem toques festivos ao entrar a barra o Adamastor, desde Cascaes até fundear no quadro dos navios de guerra, e a proporção que fosse navegando em frente das torres das respectivas egrejas. A commissão executiva ficou muito pehorada com esta patriótica decisão do illustradissimo prelado e vigario geral do patriarchado.

Disse o sr. dr. Eduardo Abreu, infatigavel e zelosissimo secretario da commissão executiva da subscrição nacional, que não abandona os seus trabalhos das 8 da manhã ás 6 da tarde: «Passo a minha vida, ha dias a esta parte, a dizer não, não e não, ás duzias de pessoas que aqui tem vindo, pedindo logares para ellas e familia, afim de irem esperar o Adamastor; outras, para lhes encomendarmos foguetes; outras, para contractarmos philarmonicas, etc. A minha pergunta invariavel, com o grande livro á vista, é: «O sr. foi subscriptor?» Quasi todos tem respondido pela negativa. Peço então para subscreverem, porque ainda estão em tempo. Calam-se, e eu então respondo-lhes se julgam serio e digno que a commissão gaste o pequeno saldo que posso, fretando vapores, comprando foguetes e contratando muzicas para divertir as familias.»

Estando presente um illustre vogal da grande commissão, o sr. vico-almirante Sampaio, entrou um individuo, que desejava saber se poderia em qualquer dia visitar o Adamastor. Respondeu-lhe o sr. dr. Abreu que sim, mas só depois de serem annunciadas as visitas. Concordeu logo com esta disposição geral. Perguntou-lhe o nome, para saber se era subscriptor. Foi ao cadastro: tinha dado 250\$000 reis fortes! Fora um dos maiores subscriptores do Rio de Janeiro, e acressentou: «se eu previsse que os senhores iriam até final applicando tão bem a subscrição nacional, teria dado 1:000\$000 reis ou muito mais: mas n'aquella epoca taes coisas se escreveram, que muitos julgavam que tudo era feito pelo governo.»

A CHEGADA

Pelas 9 horas da manhã de sabado, notava-se já um grande movimento, nos caes das Colunmas e Sodré. Barcos e vapores atracavam a fim de receberem os passageiros que desejassem ir esperar á barra o cruzador-couraçado Adamastor.

A's 10 horas atracou a ponte dos caminhos de ferro do Sul o vapor D. Amelia, destinado a

conduzir á barra a Associação Commercial.

Em seguida encostava a este o Frederico Guilherme que levou a seu bordo a Sociedade de Geographia, a qual teve de alugar um outro vapor, pois que os socios não cabiam n'um só. No Frederico Guilherme tocava a banda dos bombeiros municipaes.

No vapor Victoria, que estava vistosamente embandeirado e ornamentado com verdura, folhas de palmeira, etc., embarcou a commissão da subscrição nacional.

N'este vapor ia a bordo uma banda de infantaria que tocou ao avistar o Adamastor e no trajecto varias peças do seu repertorio.

Os vapores Relampago, D. Carlos, Cabinda e Furão e outros, tambem levavam muita gente a bordo e philarmonicas. Todos os vapores foram embandeirados, á excepção do D. Amelia, que apenas levava a bandeira da Associação.

A's 11 horas e meia largou da ponte o D. Amelia, primeiro com quatro contos e tantas pessoas a bordo. Antes porem de largar da ponte, correu a noticia que o Adamastor estava na barra.

A ansiedade de o avistar era geral.

Todos julgavam ver no primeiro vapor que ia á vista o Adamastor.

Ao passar o D. Amelia em frente de Cascaes, soube-se pelo capitão do vapor Titan, que se guia em direcção ao Tejo, que o Adamastor vinha muito proximo.

Quasi ao mesmo tempo avistavam-se ao longe os mastros do couraçado.

Pouco depois chegavam os outros vapores a que nos acabamos de referir.

O Adamastor approximava-se rapidamente.

Quando as embarcações abordaram ao couraçado, de todos os lados romperam estrepitosos e entusiasticos vivas á patria, á marinha de guerra, á commissão da subscrição nacional, etc., tocando as bandas o hymno do Adamastor.

Os vapores formaram, vindo todo o cortejo até Paço d'Arcos, onde tudo parou.

Ahi o Adamastor recebeu a seu bordo a visita de saude depois do que seguiu para Belem, onde parou por momentos.

Ahi deu a salva de 21 tiros, saudando a foraleza de Belem, que lhe correpondeu.

De novo se pôz em marcha o cortejo, mas mais vagorosamente.

As margens estavam apinhadas de povo. As embarcações com bandeiras, davam uma nota brilhante á festa.

Pouco depois das 3 horas o Adamastor ancorava na boia que lhe estava destinada, em frente a ponte do Arsenal, e o cortejo de vapores começou a debandar, depois de voltarem em torno do cruzador.

Pouco depois de amarrar a bordo, foi o 2.º tenente, sr. Portella, cumprimentar o sr. Ferreira do Amaral em nome do conselho do almirantado.

Este senhor, durante o trajecto foi muito saudado, bem como o sr. Rodrigues da Costa, representante da commissão da subscrição nacional, conservando-se ambos sobre a ponte do navio.

Estranhou-se que não tivessem os navios de guerra saudado com a sua artilheria o novo navio que foi dotada a marinha portugueza.

Ainda a chegada

Logo que o Adamastor amarrou á boia, saíram do Victoria para bordo do cruzador os srs. duque de Palmella, marquez da Praia e Eduardo Abreu, afim de entregarem a mensagem ao illustre commandante, e de cumprimentarem os seus collegas Rodrigues da Costa, Serra Prado e Mattoso dos Santos, assim como toda a illustre officialidade do navio e toda a tripulação.

A guarda formou, apresentando armas; o illustre commandante foi affectosamente abraçado pelos representantes da commissão, dr. Coronel Rodrigues da Costa, assim como os seus collegas. Estabeleceu-se depois a mais viva troca de impressões entre o grupo de officiaes e palhaços que rodeavam o sr. conselheiro Amaral, acerca das condições nauticas do Adamastor. Todos felicitaram cordalmente o brioso e distincto official. Quando a guarda apresentou armas a passagem dos representantes da commissão, do bordo do Victoria romperam calorosos vivas á subscrição nacional ao commandante Amaral, á patria e um caloroso viva ao secretario da subscrição nacional, dr. Eduardo Abreu. N'aquelle momento, o espectáculo naval era imponente, porque já rodeavam o Adamastor todos os vapores e diferentes barcos que o vinham acompanhando desde a barra.

Foi magnifica a impressão causada em todos os visitantes, no primeiro momento, em que rapidamente correram aquelle navio.

A placa em bronze, modelada pelo grande artista Bordalo Pinheiro, é simplesmente admiravel. A bordo do cruzador, vem a primeira machinista da casa Orlando, sr. Achilles Tosi. E' um profissional de apresentação modestissima, mas d'uma tal competencia que declarou que a marcha do navio não tinha fallhado negli milhões calculos em que elle collaborou em Liorne. Faz as mais agradaveis referencias ao trabalho do seu collega portuguez Julio Talento, á pericia e intelligencia do illustre commandante Amaral, seus camaradas e tripulação. Considera o Adamastor após esta experiencia, como o melhor navio construido pela casa Orlando.



Jose Candido Gomes d'Abreu

Paga hoje o nosso somnario uma divida ao benemerito cidadão que tanto tem pugnao pelos melhoramentos da terra em que recebe primeiro a luz.

O retrato que hoje illustra o nosso humilde somnario é o de José Candido Gomes d'Abreu, d'este obreiro infatigavel, d'este amigo dedicado dos pobres e dos opprimidos; do que levantou á custa de milhares de contradicções, e de sacrificios o hospital—essa casa hospitalar que Melgaço descomhecio, que, quando outros titulos não tivera, este só bastava para o fazer querido dos povos de Melgaço.

Bemdito mil vezes aquelle cuja apothéose é feita pela simples lagrima de reconhecimento que desliza pela face do pobre necessitado.

Ha nomes nos annaes da humanidade, que todos devemos conhecer e transmitir, com amor e acatamento. Um d'estes é o do benemerito José Candido Gomes d'Abreu. Verdadeiro typo do homem de bem, respandeceram sempre n'elle os mais elevados dotes de uma boa alma. A simplicidade, a alegria, a confiança, a generosidade, a dedicação, a perseverança, o amor do trabalho e do proximo nunca o abandonaram. E na sua provecida idade coube-lhe tudo quanto recebeu da natureza, quando adquiriu pela força da vontade.

Dos seus ascendentes já elle tinha ensinamento seguro para trilhar ativo, levando sempre á sua dextra os pobres e os opprimidos, que encontraram sempre em sua casa conforto e abrigo.

Passa o seu anniversario natalicio no dia 16, por haver nascido José Candido Gomes d'Abreu em 16 d'Agosto de 1823.

Recaba, pois, este benemerito cidadão o nosso sincero cartão de parabens.

A REDACÇÃO

FALSA PISTA

(CONTINUAÇÃO)

Mas Alice não um olhar leve para o armazem do boulevard Honssinann... Georges seguiu-a a uns vinte metros de distancia; as faces em fogo, o olhar duro; murmurava por entre os dentes: —Mas onde vai ella então?... Por que me enganou?... Ella não irá a pé... seguirei-a eu snita?...

Um lamentavel combate se tra-

vara no seu espirito; a respiração tornava-se-lhe ofegante, mas deixou escapar um suspiro de feliz satisfação quando a viu dirigir-se pela rua Anber.

Ah! está bem! disse elle; já comprehendo... talvez queira passar pelo Louvre...

Uma nova decepção não se fez esperar: á praça da Opera, Alice volta sobre o boulevard dos Capuchinhos e elle segue-a desembarcadamente.

A partir d'este momento; uma especie de vertigem, quiz apoderar-se de Georges. Elle apressa o passo, empurra os transeuntes n'uma instinctiva necessidade de alcançar sua mulher e de impedir-lhe o caminho. Mas que loucura, fazer-lhe uma ruim scepa em pleno boulevard! E que pessimo meio este para saber a verdade!... esta verdade que elle perseguia com tanta obstinação, e que, entretanto, elle tinha grande medo de conhecer!...

Oh! estaria ali porventura a mulher que, cheio de ciume, tinha seguido nos seus menores actos, mesmo quando ella ainda não era senhora de Davricourt, e da qual a conducta lhe tinha parecido sempre tão clara, tão simples, tão leal?... E' verdade que, depois do seu casamento, quasi todas as vezes que elle lhe manifestava a sua desconfiança, Alice, como hoje, deixava bruscamente a casa, dizendo que ia a um armazem, d'onde voltava sempre sem nada ter comprado, de rosto alegre, o olhar suave, parecendo ter esquecido as censuras que elle lhe tinha feito; e, por momentos, a sua alma, que se reflectia toda nos seus bellos olhos negros, vovva pelo infinito... como n'uma visão deslumbrosa.

Quantas vezes então elle ficava pezaroso por se ter deixado apoderar da sua estúpida desconfiança que, sem duvida, fazia renascer mais vivamente, no seu coração de joven, a imagem do querido desaparecido!

Mas eu o saberei hoje. Eu saberei dizia elle raivosamente. Quando elle dizia estas palavras Alice subia rapidamente as escadas do Credit Lyonnais. Georges para alguns segundos, admirado... Era então ali, n'um lugar tão publico, que sua mulher tinha um encontro?

Quando elle se decidiu a entrar tambem n'aquelle estabelecimento de credito, Alice tivera tempo de passar uma porta, d'onde voltou, trazendo um pequeno papel n'uma mão, e na outra fazia voltar uma pequena chave. Compre-

hendeu: sua mulher tinha um cofre forte do qual ella nunca lhe tinha fallado!

Que esconderia ella ali? Espetou que ella descesse a escada que conduz ao sob-solo, e depois que desapareceu por de traz da grade, elle desceu ligeiramente, passou em frente do empregado dizendo-lhe a meia voz:

—Eu venho com a senhora. Então a esposa, empoleirada sobre uma pequena escada, começou a abrir o seu armario. Elle espreita-a, d'um recanto, muito senhor de si agora, na certeza de que em pouco conhecerá toda a verdade.

Logo Alice, trazendo um pequeno cofre, installou-se n'um compartimento d'uma das longas mezas, onde não se viam habitualmente senão fazendeiros ou homens de negocios em via de examinar coupons; mas não eram coupons o que continha o cofre de Alice.

A joven senhora, toda sorridente, docemente satisfeita, retirou do cofre dois pacotes de cartas, um bastante volumoso, alado com uma fita azul, o outro mais pequeno, alado com uma fita cor de rosa; desatou immediatamente a fita azul e pôz-se a ler mantendo com precaução uma correspondencia já envelhecida, papel amarelado, rasgadas as dobras; uma correspondencia sem duvida lida e relida muitas vezes. Algumas lagrimas lhe escaparam, mas através das quaes o seu olhar tinha alguma coisa de feliz, de socegado.

Georges tinha-se collocado ao lado da esposa, mas ella não via nem ouvia nada. A sua alma estava longe d'aí! E elle esperava com o coração cheio de raiva...

Tristoulia, ella, atou o primeiro pacote de cartas. Então, com rosto iracundo desatou a fita vermelha; este pacote de cartas era mais recente. Percorrendo-as, ella sacode tristemente a cabeça, e alguns suspiros lhe escaparam... Eufim, já de novo collocar tudo no cofre, quando Georges estende brutalmente a mão sobre as cartas.

—Que é isto, Alice? De repente, o rosto da joven altera-se; mas volta a si rapidamente.

—Oh! acalma-te, meu Georges!... Oh! tu tens uma má phisionomia! Eu vou explicar-te tudo... Supplique-te; não chames a attenção de ninguém!

—Não piques enganar-me! Essas cartas!... Eu quero vel-as!

—Está bem, meu pobre amigo, toma-as, guarda-as todas! Elle não espera a sua permissão: as suas mãos crispadas desmanchavam as fitas, desdobraram as cartas; e, estupefacto reconheceu n'umas a letra do seu amigo Marcel Perrier e n'outras a sua propria letra.

—Que significa isto, Alice?... —Oh! é bem simples, vá! Não é necessario querer-me mal por isso... Eu não te quero mal pela tua desconfiança... Mas cada vez que tu me fazes uma d'estas ruins scenes, depois das quaes poderia perder a cabeça, não tenho onde ir senão aqui, onde escondo o meu thesouro... n'esses thesouros, toda a correspondencia d'aquelle que foi meu primeiro marido, e as cartas que tu me escrevias quando ainda não eras mais do que meu noivo... Tu prometias-me n'ellas tanta felicidade, nma existencia tão doce!... Leio-te... releio-te... e revejo a minha felicidade... Eis aqui, meu pobre louco, meu Georges adorado... porque eu adoro-te; eu não tenho outro desejo senão o de fazer-te feliz... Somente isto me não é sempre commodo... E' preciso muita energia para amar-te ape-

zar da tua desconfiança...! Então tomo um banho de felicidade aqui, com estas caras cortas... Não quiz deixar em casa as do Marcel, porque podias ter ciume d'ellas... Pois bem! com uma hora passada no meio d'estas recordações, tenho de que fazer-te feliz por uma semana... Mas, se tu quizeses, oh! se tu quizesas não ser ciumento!...

Georges olha em volta de si. Não vê em toda a extensão dos compartimentos, senão cabeças pendidas sobre mazos de obrigações.

Frenetico, apaixonadamente frenetico, dá um beijo na testa da sua querida esposa.

—Perdoarás-me tu, minha querida?

—Sim... se tu não fosses mais...

—Levemos este cofre... E, se a minha doença voltar, tu não terás senão que mostrar-me... Mas, em juramento...

—Não jures, disse Alice, com a mais encantadora indulgencia. E' preciso não jurar... por nada...

(Trad. de Petit Journal)

Jean Raucourt

Factos & Noticias

Francisco Antonio Cerdeira

Commemora-se no dia 14 do corrente o anniversario do passamento de Francisco Antonio Cerdeira, o benemerito filho de Melgaço, um dos caracteres mais rectos e sympathicos d'esta villa.

Como a doce miragem dos tempos idos que no espelho fidelissimo da nossa alma lanços os vagos e sandos reflexos d'uma risoia mocidade, assim a memoria santa d'este prestimoso cidadão se impõe ainda hoje ao nosso respeito, á nossa veneração com essa austeridade de costumes, com esse despreendimento de vaidades, que entre outros, lhe foram honrosos titulos de gloria.

Prestando, pois, a nossa homenagem de saudade ao nome querido d'esse varão magnânimo, d'esse benefactor illustre, cuja memoria jamais deixará de avigorar em nós o sentimento do mais subido respeito, cumprimos um dever sagrado, memorando o anniversario do seu passamento.

A REDACÇÃO

O centenario da India—As illustres matronas de Petropolis

Quanto mais longe da patria mais se vivifica o sentimento de amor patrio, que tanto nobilita em todos os tempos os filhos d'este abençoado torrão.

Hontem era o despreendimento, a abnegação de um punhado de homens que, por desaffrontar a mãe patria foram a longueas terras derramar o seu sangue; hoje são as illustres matronas de Petropolis, viúvas de fallecidos portuguezes no Brazil a exemplo das de Goa, que vão fazer seus depositivos para a compra de um navio de guerra. E' sublime este exemplo em tempos de tanto egoismo como este que vamos correndo de fim de seculo.

Veja-se o que diz o nosso collega «Jornal do Commercio»:

A commissão executiva da grande subscrição patriótica portugueza, destinada a offerecer um navio de guerra a Portugal, por occasião do quarto centenario da India, recebeu da sub-commissão da rua da Carioca a quantia de 5.000\$000, angariados n'esta rua. A sub-commissão da rua de Uruguaryana tinha subscriptos,

até sabbado, 14.000\$000, n'aquella area.

As commissões da rua Sete de Setembro têm tambem subscriptos já alguns contos de reis.

E' deveras notavel, e honra em extremo a colonia portugueza a acitação geral que tem tido a grande subscrição.

Em Petropolis, algumas senhoras, viúvas de commerciantes portuguezes, tem ido entregar seus donativos á commissão d'aquella cidade, declarando que assim procediam para honrarem a memoria de seus maridos. (Bravo!)

A illustre directora do novo collegio Progresso, da capital, procurou um dos secretarios da commissão para lhe declarar que desejava subscrever tambem.

Caminho de ferro de Valença a Monsão

Ainda não é d'esta vez que se principiará a construcção d'esta linha. Não é por falta de rebates que ella deixa de se fazer. Se fossem aguas para vender já teria tido pretendentes, e a empreza haveria vendido o seu privilegio, que irá prolongando até que desistirá da concessão. para ficar como está.

D'esta vez diz o nosso collega o «Primeiro de Janeiro»:

O relatorio definitivo sobre esta linha, elaborado pelo sr. conselheiro Justino Teixeira, e já approvedo pelo governo, consigna os pontos e distancias a que ficam as estações e apeadeiros principaes, a saber:

A partir do caes de mercadorias do caminho de ferro do Miinho.

Estação de Valença...	239 m.
Apeadeiro de Ganfel...	3.449 k.
de Vordcejo	5.807 k.
Estação de S. Mamede	8.045 k.
de Lapella...	12.222 k.
Apeadeiro de Torporiz...	14.584 k.
Estação de Monsão...	18.794 k.

Além d'estas estações e apeadeiros haverá outros, de reconhecida vantagem publica, nos logares em que for julgado conveniente.

Annullação da eleição de Braga

Mais uma vez foi annullada a eleição de deputado pelo circulo de Braga: quer isto dizer, mais vergonha.

Affirma-se que terceira eleição se fará ou repetirá ainda este mez figurando n'ella os mesmos contendores.

D'esta terceira vez será a eleição feita ou no Campo da Vinha, antigo campo das touradas, ou na Casa da camera.

Nos paços municipaes e casas escotares é que taes eleições se devem fazer, para acabar d'uma vez essa pouca vergonha, a que temos assistido com verdadeira magoa de vermos tão frequentemente interdita a casa consagrada ao culto de Deus.

Dotação para estradas

O districto de Vianna foi este anno dotado em 30 contos de reis para a viação.

Prorogação de Cortes

Já é sabido que o governo conta prorogar as cortes para alem de 14 do corrente mez.

Publicações

Recebemos o agradecemos: O n.º 17 do «Jornal dos Romances»; Os n.ºs 10, 11, 12, e 13, do «Domingo Illustrado» e os ultimos n.ºs do magnifico «Jornal de Viagens», que continua regular na sua publicação.

Assassinato de Canovas del Castillo

O telegrapho transmittiu-nos a desoladora noticia de ter sido assassinado com tres tiros de revolver o presidente de ministros do reino visinho.

Castelar, amigo sincero de Canovas, ao chegar junto do seu cadaver não pôde deixar de ajoelhar-se, dizendo:

«Não é momento para pensar, mas para sentir. Choro a perda d'um amigo de 50 annos. Pensavamos de differente modo; porem a nossa amizade foi sempre inquebrantavel.»

Quando o assassino luctava com as pessoas que o prenderam deixou cair o collarinho da camisa onde se lê: «Elegante, rua do Ouro, Lisboa».

Um miseravel napolitano, Miguel Angelo Gollin, natural de Boggia, foi o auctor d'este execravel attentado.

Grande é o pesar que vai na corte de Portugal com a perda que a Hespanha vem de soffrer com a morte d'este grande estadista.

Sua magestade telegraphou a rainha de Hespanha manifestando o seu sentimento.

Eis como tem sido manifestada na imprensa portugueza o pesar pela morte de Canovas:

A cidade de Lisboa foi no domingo sobressaltado pela noticia da que fora assassinado o presidente do conselho de ministros do reino visinho, D. Antonio Canovas del Castillo.

Como era de prever, tal facto passou a ser immediatamente o assumpto de todas as conversações, formando-se varias opiniões sobre o mobilis creado.

Uns faziam suppor que elle obedecia a um fim politico; outros, pelo contrario, suppunham no resultado d'algum odio pessoal sem intuito politico.

Seja como for, o que é facto é que a monarchia hespanhola acaba de perder a sua primeira cabeça, e não terá quem facilmente a substitua.

Canovas del Castillo era incontestavelmente o verdadeiro sustentaculo da restauração.

Encontrava-se a banhos em Guipuzcoa, na povoação de St. Agueda, pertencente ás Vascongadas, juntamente com sua esposa D. Joaquina Osma, tendo por secretario particular o sr. Mariésiu, e tres criados.

Tambem se encontrava alli o ministro do ultramar.

O crime foi perpetrado pela seguinte forma:

Domingo, pouco depois do meio dia, na occasião em que o sr. Canovas estava lendo os jornaes na sala do hotel, approximon-se d'aquelle estadista um homem pobremente vestido, que, sem dizer palavra, levantou o braço armado de revolver, e disparou contra o primeiro ministro tres tiros, a queima roupa, um na fronte e os outros dois no corpo.

Proximo d'elle estavam tambem lendo, os banhistas Asdoazu, engenheiro de minas; e o jornalista Torres.

Foi n'esta situação, e subitamente, que o assassino disparou os tres tiros.

O ruido das detonações assustou os banhistas e estabeleceram terrivel confusão no hotel para indagar o que succedera.

O assassino foi immediatamente preso por dois banhistas, mas ainda chegou a disparar o revolver na lucta.

Ao sentir-se ferido, Canovas chamou assassino ao seu aggressor, morrendo tres horas e meia depois, balbuciando as seguintes palavras:

— Viva a Hespanha!

Pouco tempo depois del' commettido o crime, Madrid tinha conhecimento do facto, publicando varios jornaes supplementos, que eram arrancados violentamente das mãos dos vendedores.

Os ministros que se encontravam na capital reuniram, ás 3 horas da tarde, em conselho de ministros, que durou até muito tarde, ficando com a presidencia do conselho interinamente o general Azcarraga, ministro da guerra.

As redacções dos jornaes, bem como varios politicos eram assaltados pela multidão atida de pernenciosos.

A Perla do Sol, onde estava o ministerio do reino, estava cheia de carruagens de povo.

A rainha regente deve já estar em Madrid.

O sr. Sagasta tambem é esperado n'esta cidade.

Logo que chegue, terá uma conferencia com a rainha regente.

Fala-se n'uma concentração monarchica, por se receiar qualquer movimento.

O assassino

Estava em Hespanha desde o anno passado. Representa ter entre 33 a 40 annos de idade, estatatura regular, traço pobremente e usa barba crescida e mal cuidada.

Suppõem-o partidario de ideias muito avaçadas.

Viveu algum tempo em Barcelona, onde—ao que se diz—se relacionava com alguns individuos que seguiam suas ideias.

De Barcelona fez uma viagem pela França, Belgica e Inglaterra,

volvendo a Hespanha nos principios de julho ultimo.

Segundo as ultimas policias, diz-se que o intuito do crime obedecia a um fim exclusivamente politico.

Dizia-se mais que elle queria exercer vingança em outros personagens do reino visinho.

Também corria em Madrid—ainda que com poucos visos de verdade—que o criminoso era um indultado de Barcelona.

Artigo editorial

O nosso artigo editorial e informações sobre o Adamastor são dos nossos collegas Diario de Noticias e Marselheza.

Aguistas em Melgaço

Continua a manter-se a concorrência que de anno para anno se vai accentuando ás nossas famosas aguas de Melgaço, que esperam só de pulso de iniciativa e de verdadeiro amor patrio para que tomem o lugar proeminente que sua natureza está reclamando.

O numero de pessoas que este anno tem vindo tomar aguas, na semana finda era já superior a 200.

Mas esta concorrência que é já animadora, é devida, inquestionavelmente, ao sr. Antonio Maria Ralhada, proprietario do Hotel do Pezo, porque se não fôra o hotel quem é que poderia vir tomar as Aguas de Melgaço?

Ainda que estranho á nossa comarca, é todavia certo que é quem mais tem feito e trabalhado pela propaganda das nossas aguas, que, bem exploradas, estão destinadas a ser uma fonte de riqueza para esta terra.

Estes esforços do sr. Antonio M. Ralhada vão sendo coroados de feliz exito pela concorrência sempre crescente ao seu hotel, unico por enquanto.

Ao presente estão no hotel umas 50 pessoas. Na semana passada chegaram Mgr. Almeida Silvano, o rev. Abade da Foz do Douro, o ex.º sr. dr. José Joaquim Alves, de Lisboa, ex-deputado da nação, segundo nos dizem, o ex.º sr. commendador Guilherme Candido Pinheiro, e familia, no se estimavel conterraneo, as ex.ººs sr.ºs Norochas Gorjões, de Lisboa.

Ha umas 47 damas. Informam-nos que alli a convivência é muito familiar e agradável, fraternizando todos os hospedes um excellento espirito de sociedade e respeito mutuo.

Todos elles estão encantados com o sitio e bem dizem as aguas, em cujo uso experimentam melhoras, que nós desejamos sejam completas para todos.

Mais sabemos que o sr. Ralhada tem já tantos pedidos para logar no hotel que vem que fôra o dobro chegaria.

Ainda bem.

Os processos eleitoraes em Braga

São 26 os individuos processados por suppostos crimes eleitoraes, aos quaes foi arbitrada a fiança em 200.000 rs.

Em Melgaço foram menos, mas as fianças foram arbitradas em contos de reis para maior garantia da moralidade e da justiça. A politica tem d'estes assomos. Precipitou um á vala e dementou outro.

Fallecimento

Falleceu hontem o cantoneiro João Lourenço, após grave e prologado soffrimento. Era bom homem, muito respeitador, pelo que foi sempre muito bem visto dos seus superiores e de todos que com elle tratavam.

Chegada

Já se acham no Hotel do Pezo para fazerem uso das magnificas aguas Mgr. Almeida Silvano, e o sr. Commendador Guilherme Candido Pinheiro e sua ex.ª familia. Nossos cumprimentos sinceros de boas vindas. O sr. Commendador Pinheiro era já esperado no domingo, 8 do corrente, sendo muito cumprimentado na sua chegada, subindo ao ar muito fogo e fazendo-se ouvir por muito tempo a musica regida pelo sr. Sanches de Castro em frente ao Hotel.

Expediente—Carteira

Por absoluta falta de espaço não publicamos n'este numero a secção da nossa Carteira, e algumas outras noticias de interesse local.

Morte de Martinho da Cruz

Morreu no hospital de Loanda o ex-alferezes Martinho da Cruz, protogonista d'um horrivel drama de sangue, passado em Lisboa, na quinta-feira santa de 1886, pois assassinou com um tiro de revolver o seu companheiro de quarto Antonio Candido Pereira, de 48 annos, cabo de caçadores 12. Esteve 8 annos na Penitenciaría, d'onde foi ha uns 6 mezes para o degredo. Foi victima d'uma anemia palastre.

Declaração

A redacção e administração d'este jornal declara e faz publi-

co que se promptifica a publicar, gratuitamente, todos e quaesquer annuncijs judiciaes, ficando somente os interessados sujeitos ao pagamento do sello dos mesmos annuncijs e dos exemplares que tiver de fornecer aos srs. escriptaes.

Despedida

José Bento Monteiro da Silva, sendo transferido para Cerveira, e por isso forçado a retirar-se d'esta villa, na impossibilidade de despedir-se de todas as pessoas que lhe dispensaram amizade e consideração, que nunca poderá olvidar, vem por este meio fazer o, protestando a todos sua indelevel gratidão.

Cartão de Parabens

Fazem votos: Sabbado—o sr. Henrique Celestino Soares de Souza Calheiros. Domingo—a ex.ª sr.ª D. Maria do Pillar Marques. Segunda-feira—o sr. José Candido Gomes d'Abreu.

Annuncios

ARREMATACÃO

No dia 15 do corrente mez por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, será arrematado por metade do seu valor, por não ter havido licitante na primeira praça, o seguinte:—Duas bonas partes de uma Casa de morada, telhada e sobradada, no lugar de Crastos, de Paderne, que pertenceram em legítima aos curatelados Justiniano e José Joaquim da Cunha filhos dos inventariados Antonio Joaquim da Cunha e Anna Luiza Soares, em 10.670 reis; estas decimas bonas partes sob n.º 46 e 47 do respectivo inventario; e uma terça parte de um canastro colmado, em eira albeia por 1.000 reis. São citados os interessados para os lms legaes.

Verifiquei, O Juiz de Direito, Mendes d'Alcantara. O escriptão, Miguel Augusto Ferreira.

FOLHETIM

O ESPECTRO

Meia Noite

(Romance fundado num facto historico)

Paradikin não estranhou as ameaças do seu visinho, conhecido em todo o departamento por um homem intratavel. Readquirindo porém toda a sua antiga energia, exclamou a um tom firme e resolutivo:

—Saia immediatamente da minha casa; nenhum assumpto tenho a tractar convosco, e o vosso estranho comportamento dispensa-me de toda e qualquer attenção!

—Que saia d'esta casa! Miseravel! lhe torceu Voronitcheff com voz ainda mais forte e torçando os braços sobre o peito, tu só, é que deves sair desta casa, que

deves ao assassinato e ao roubo mais vergenoso.

Paradikin, ainda que assustado pela violencia do seu contrario, era contudo, como os nossos leitores o ja devem conhecer, um homem de grande valor. Ao ouvir esta accusação tão directa, respondeu sem se perturbar:

—Que pertenceis com uma accusação tão ridicula como odiosa? Não me obrigueis a fallar aos deveres da hospitalidade, e esta não é digna d'aquelle que insulta a um homem de bem.

—Dizei antes a um malvado. Em quanto á minha segurança, não te receio nem a ti nem aos teus criados.

—E' demasiado ultrage, disse Paradikin, levantando-se.

Voronitcheff approximonou-se então ainda mais do seu inimigo, e aparentando um ar tranquillo, disse-lhe em voz baixa,

—Escuta, Koustroff, porque este é teu verdadeiro nome, que fizeste da princeza que accompanha a Italia ha perto de trinta

annos? Não voltou mais á sua patria? Que fizeste della? Responde?

A estas penetrantes palavras Paradikin ficou immovel, e não pôde encobrir aos olhos de Voronitcheff, a alteração do seu semblante, comtudo fazendo ainda um supremo esforço, replicou:

—De que princeza me fallas? Nunca viajei pela Italia.

—Tens razão. Paradikin nunca viajou pela Italia porem sim Koustroff, criado d'uma princeza nossa compatriota, seguiu sua ama n'esta viagem, e esse criado eras tu.

Assassinaste essa desgraçada no caminho de Bolonha; entre as casas de postas de Logoscurs e Polosella. Esta formosa casa, tens grandes dominios, e tudo quanto hoje possues foram o prego do sangue de tua infeliz ama, apesar de to teres derramado ha tanto tempo, ainda está clamando vingança contra ti. Estive no lugar do crime e ali me contaram tudo. A providencia elegu-me para ser teu accusador, e amanhã serás citado perante a justiça dos homens.

A cada palavra de Voronitcheff mais se augmentava a turbacão de Paradikin; comtudo ainda que com voz debil, respondeu-lhe:

—A infame calumbia com que queres denegrir-me, me causa mais indignação que surpresa. Sabia que eras meu inimigo; mas temo pouco uma accusação tão falla da provás.

—Tão facto de provás! Interrompeu Voronitcheff com o sorriso de um malvado. E acreditas que se eu não tivesse em meu poder provas sufficientes, estaria agora diante de ti? Koustroff, recordas-te do postilhão que te ajudou a consummar o teu crime?

Chamava-se Relando, segundo me parece. Trames ao ouvir pronunciar este nome, pois fica sabendo mais, que conservo em meu poder as instrucções que por ordem de tua ama, deixaste á sua ama, está por ti assignada! Apesar de se terem passado quasi trinta annos á tua letra não tem tido mudança sensivel. Vê se tenho ou não provas sufficientes contra ti?

Estas ultimas palavras já Paradikin as não pôde ouvir, ao ouvir pronunciar o nome de Relando, e ao fallar-lhe do escripto fatal cahiu sem sentidos sobre uma cadeira. Voronitcheff tinha triumphado, o desmaio de Paradikin era uma confissão tacita do crime, não quiz porem chamar os seus criados, por que estes destruiriam o seu projecto. Aplicou ao seu contrario algumas gotas de vinagre, o qual entreabrindo os olhos, e assustado de se ver ainda tão proximo de seu inimigo, apenas pôde balbuciar estas palavras:

—Não me deiteis a perder! Que mal vos tenho eu feito?

Neste momento Voronitcheff mudou de tática; abandonou o seu ar de accusador para tomar o do negociante, que esquecido do crime e da vingança das leis s'entrega exclusivamente aos seus interesses pessoais.

(12) Continua

Antonio Augusto d'Araujo & C.^a

S. GREGORIO—MELGAÇO

COM
ARMAZEM

Fazendas, Merceria, Ferragens, Drogas e Miudezas

Algodão em fio, branco e de côr; Babairos; Baetas; Blonde; Bordados; Cache-nez; Camisas; Camisolas; Casemiras; Carontas; Chales; Châpans, de lã e feltro; Chapeos de chuva; Cheviotes; Chitas; Cobertores; Colchas; Cotins; Entremelos; Escovas; Fitas; Flanelas; Fumos; Galões dourados e pretos; Gravatas; Guardanapos; Lãs; Lenços de algodão, lã e seda; Meias; Merinos; Morins; Oxfores; Pannos crús e branqueados; Pannos pretos; Piógas; Rendas brancas e de côr; Riscados; Sargiaba; Selinetas; Setins; Sombriñas; Tafetás de seda; Toalhas de Guimarães; Toalhas turcas; Toucas de lã para creança; Veludilhos; Zephyros; etc. etc.

Arroz; Açúcar; Azeite; Azeitonas do Donro e Elvas; Bacalhau; Bolacha; Biscoitos; Café; Chó; Farinha de trigo; Massas; Especialidade em Presuntos; etc.

Aço; Arame de espinhos; Arcos de ferro; Barriz; Canecos; Chumbadours; Chumbo em chapa, barra e grão; Copos de vidro; Cordas; Dobradigas; Estanho; Fechaduras; Fechos pedreses; Ferrões de burnir; Polha de flandres; Foucibas; Garralbes; Graxa; Gualdras; Limas; Louça; Machadas; Pannelas, de ferro à portugueza e hespanhola; Parafusos; Pomada para limpar moetas; Pregos d'arame; Ditos de ferro; Rastilho; Rede d'arame; Soccas; Sovélas; Torneiras; Trincos; Trinquetas; Vassouras de piassava; Verguiuha, lhuana, vergalhão e chapa de ferro; Verrumas; Zinco; etc.

Alvaiade em pó e massa; Anilinas; Brochas; Cal; Campeche; Caparrosa; Cimento; Colla; Euxofre; Gesso crú; Gesso d'estuque; Lixa; Molduras douradas; Oleo; Ouro em folha; Pedra bume; Pinceis; Parpurinas; Secante; Tijolo; Tintas de côres, amarelo d'Italia, azul caruim fino, lacra roxa, roxo d'Italia, senopla, terra sene, verde, vermelhão, etc.; Verdete; Verniz Boneca, Chrystal, Copal, Flating; Vidros, etc.

Alfinetes; Anzóes; Bonecas; Botões; Canetas; Carros de linha branca e de côr; Colchetes; Dedaes; Evaeloppes; Fivellas; Ganchos; Grinaldas de flores; Lapis; Lhuha para bordar; Dita para marcar; Papel; Pentes; Sabonetes; Sapatos de lga; Torçal de côres; etc.

MACHINAS SINGER — PARA COSTURA—Grandes descontos a prompto pagamento.



RICA

JOAQUIM D'EGAS AFFONSO

CORREDOURA—PRADO

O proprietario d'este magnifico estabelecimento de MERCEARIA e FAZENDAS tem á venda, além de muitos outros artigos impossiveis de descrever, os que abaixo menciona e que vende por um preço excessivamente baratos:

Um saldo de
RISCADOS
a 50 reis cada 0^m66.

CASIMIRAS
a 300 reis o metro.

CHEVIOTES
desde 660 a 15000 reis.

GRAVATAS
a 170 reis

OXFORD
a 80 reis

FLANELA DE ALGODÃO
a 110 reis o metro

MORINS
desde 110 até 160 reis, o mais caro e o melhor no género

CAMIZAS
a 400 e 450 reis de bom riscado

CAMISOLAS
desde 200 até 420 reis

CEROULAS
desde 200 até 300 reis

PANNOS CRÚS
desde 55 até 140 reis, os melhores.

Além d'estes, tem muitos outros artigos que se não podem mencionar, e porisso chama a attenção de todos os seus amigos e freguezes para um **LEILÃO** todos os domingos e segundas feiras, de uns salões que vende muito mais barato do que na Galliza. Corram, acompanhados de «nicles» souante d'este reino, e verão o Joaquim d'Egas Affonso ao lado dos seus amigos e freguezes, fazendo guerra ás rels e fazendas hespanholas.

CASIMIRAS
desde 15000 até 25500 reis de excellentes qualidades

COTINS
a 80 reis e muitos preços

CALÇADO
de toda a qualidade para creança, desde 400 até 600 reis.
Para homem desde 15100 até 15800 reis

GUARDA-SOES
ULTIMA NOVIDADE para homens, senburas e creanças

Vassoiras. Ferro.

Tintas. Oleos. Vidros

TELHA E CAL
a preços sem competencia

LOUÇA

Bolacha e doce
de diferentes qualidades.

CENTRO D'ASSIGNATURAS

Branco e Negro
Publicação portugueza e gual ás que com o mesmo titulo se publican no estrangeiro. Acompanha os acontecimentos mais palpitantes do momento.
Cada n.º 40 rs.

Biblioteca Internacional
Collecção d'obras primas de toda a litteratura antiga e moderna.
Estão publicadas:
Poesias de João de Deus.
Madona do Campo
Santo de Fialbo d'Almeida.

Cartas d'uma religiosa Portugueza.
Cada volume 100 rs.

Na terra dos Vátuas
Descripção geral da guerra em Lourenço Marques.—1 vol. 160 rs.

Santo Antonio
Sermão pronunciado por Alves Mendes, no centenário em Lisboa.—1 vol. 300 rs.

Historia d'Europa
Por Enillio Castellar.—Cada fasciculo 50 rs.

Diccionario Illustrado
Fasciculo 50 rs.

Collecção Economica
2 volumes por mez.—1 vol. 100 rs.

Obras de Alves Mendes.
Obras de Julio Verne.
Obras de Oliveira Martins.

Accepte assignaturas para todas as publicações nacionaes e estrangeiras. Tem correspondencia com as principaes livrarias de Paris, Madrid, Barcellona, Lisboa, Porto e Coimbra.

CESAR MARQUES
MONSÃO

VENDER MUITO E GANHAR POUCO
É O SYSTEMA ADOPTADO NA

LOJA NOVA

DE
ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

PRAÇA DO COMMERCIO

MELGAÇO

O proprietario d'este acreditado estabelecimento mais uma vez chama a attenção dos seus numerosos freguezes e amigos, para verem o sortido de generos que recebeu ultimamente, qu e vende por preços baratissimos.

Sortido completo de doce, pão de ló. Bolacha da fabrica da PAMPULHA (Lisboa).

Doce de Pera e Tamará. Massas de differentes qualidades. Vinhos maduros do acreditado armazem da Estrella.

E todos os generos de merceria. Sortido completo em cotins, pannos crús e riscados, pelos preços já muito conhecidos.

Cazemiras e flanelas azues e pretas, gostos lindissimos e baratos.

Picotilhas desde 500 reis o metro. Guardanapos a 25 reis. Camisolas a 100 reis.

SALDO

Um saldo de calçado de Lisboa. Sapatos que eram a 15800 reis vendem-se a 15200 reis, outros ditos de 15300 reis vendem-se a 16000 reis. Aproveitem a occasião.

Além dos artigos mencionados ha muitos outros impossiveis de mencionar e que tudo se vende mais barato do que na Galiza.

CAFÉ MELGACENSE
JOSÉ CANDIDO LOPES

Faz publico que tem á venda no seu estabelecimento vinhos finos do Porto e da Companhia Vinicola. Bebidas alcoolicas como:

Chartreese, Kermann, Kummel, Anisados refinados, differentes cognacs, licores—granito, ouro, plata e pimenta, genebras, etc., o que tudo se vende por preços excessivamente baratos.

VIR PARA CEE

O "JORNAL DE VIAGENS"

AVENTURAS DE TERRA E MAR

A mais economica e mais brilhante publicação illustrada que no seu genero se tem feito em Portugal

Viagens nos paizes desconhecidos
Lendas e maravilhas dos povos de todo o mundo
Noticias geographicas
Descripções e narrações curiosissimas

PERTO DE 500 ILLUSTRAÇÕES
POR VOLUME

PREÇOS E CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Porto, trimestre 800 reis; Lisboa e provincias, 850 rs. Agores e Madeira, semestre, 15800; Ultramar, 25250 reis; Brazil, 125000 reis fracos.

A quem angariar numero de assignaturas superior a 40 terá direito a 15 p. c. sobre a totalidade das assignaturas obtidas.

Toda a correspondencia, tanto de relacção como de administração deve ser dirigida ao director gerente—Deolindo de Castro, ou á Typographia Occidental, rua da Fabrica, 80.—Porto.

Editor—MANOEL BERNARDO D'ARAÚJO